

## Ideas about technique and perfection

In our society we are taught from a very early age that we should aim for perfection in everything we do. And that is complicated and can be very oppressive to, but, in a certain sense, it is positive, because the so-called scientific progress is only possible through this type of thought and attitude. In music it is no different and, when we study an instrument, the issue of technique is related to the same type of thinking. But from the perspective I want to propose here related to the practice of free improvisation that is intended as a spontaneous, inclusive, collaborative and solidary musical practice, the idea of the pursuit of perfection can have opposite effects. This is because perfection is almost always seen as an almost unattainable ideal related to a certain type of repertoire and a certain idea of music. There is no perfect technique for all kinds of human musical culture. And free improvisation is not committed to the idea of correctly and responsibly reproducing any specific repertoire. In free improvisation, the focus is placed on experimentation and collective creation in real time. During free improvisation performances, sometimes the uncontrolled, the unexpected and the non-systematized arise and one cannot speak of right or wrong. On the other hand, the ideal of perfection tells us what is right and what is wrong and establishes parameters that enable and encourage competitiveness, individualism, narcissism and the consequent establishment of hierarchies and power structures that often oppress musicians in their work environments. Furthermore, the supposed perfect technique is an objective that can only be achieved through a structured study in rigorously planned stages. The student becomes a kind of athlete in search of efficiency and productivity. The objective of the instrumental musician becomes "to master" the instrument. But in fact, in this process sometimes we are dominated by it. What happens is that the instrument became a kind of fetish. Who doesn't have a dream with a Selmer Mark VI...? And what about the guitar players that would love to have a Fender Stratocaster just like Hendrix's...? In these situations, the relationship with our instrument can even become a little neurotic. So in free improvisation you don't talk about someone playing badly and you don't compare the individual performances of the musicians involved in technical terms. Other qualities are valued: a strong feeling of presence, availability for interaction, attentive and concentrated listening, permeability, respect for the musical contribution of each one, etc. Often, someone who has a very refined technique in some repertoire and can even be considered a virtuoso does not do well in an environment like this. And another person who has an open and experimental attitude with his instrument, or who at times could not even be considered an instrumentalist at all, participates very adequately. This does not mean, obviously, that musicians who dedicate themselves intensely to the study of their instrument cannot participate in a practice like this. Guitarist and free improviser theorist Derek Bailey says that free improvisation can be practiced by people who have an advanced technique, people who have just started their studies or even by children with no previous musical training. But for us that study technique so hard, it could be necessary to relax, unlearn the technique so to speak, and eliminate the critical and competitive spirit to enjoy a collective creation experience in real time. In free improvisation, everything that appears is welcomed and there is no room for competition. In free improvisation the instrument is thought of as a kind of power plant designed to produce unexpected sounds. On some occasions the improviser can become a kind of luthier transforming his instrument through the use of

extended techniques, connecting electronic or acoustic devices or even building new instruments. In free improvisation we learn to invent, experiment, compose and interact with the others, with the environment, with the acoustics, with technology and even with the audience. It is, therefore, an environment of social learning. As the Brazilian educator Paulo Freire and the anti-racist rights activist bell hooks would say, it is education as a practice of freedom.

Examples:

<https://www.youtube.com/watch?v=lxNPScdWekE>

[https://www.youtube.com/watch?v=4LjoJqC\\_xKM](https://www.youtube.com/watch?v=4LjoJqC_xKM)

<https://www.youtube.com/watch?v=M2WSeZZV6iQ>

## Idéias sobre técnica e perfeição

Em nossa sociedade, somos ensinados desde muito cedo que devemos buscar a perfeição em tudo o que fazemos. E isso é complicado e pode ser muito opressivo, mas, de certa forma, é positivo, porque o chamado progresso científico só é possível por meio desse tipo de pensamento e atitude. Na música não é diferente e, quando estudamos um instrumento, a questão da técnica está relacionada ao mesmo tipo de pensamento. Mas na perspectiva que quero aqui propor em relação à prática da improvisação livre que se pretende uma prática musical espontânea, inclusiva, colaborativa e solidária, a ideia da busca da perfeição pode ter efeitos opostos. Isso porque a perfeição quase sempre é vista como um ideal quase inatingível relacionado a um determinado tipo de repertório e a uma determinada ideia de música. Não existe uma técnica perfeita para todos os tipos de cultura musical humana. E a improvisação livre não está comprometida com a ideia de reproduzir correta e responsavelmente qualquer repertório específico. Na improvisação livre, o foco é colocado na experimentação e na criação coletiva em tempo real. Durante as performances de improvisação livre, por vezes surgem o descontrolado, o inesperado e o não sistematizado e não se pode falar em certo ou errado. Por outro lado, o ideal de perfeição nos diz o que é certo e o que é errado e estabelece parâmetros que possibilitam e estimulam a competitividade, o individualismo, o narcisismo e o conseqüente estabelecimento de hierarquias e estruturas de poder que muitas vezes oprimem os músicos em seus ambientes de trabalho. Além disso, a suposta técnica perfeita é um objetivo que só pode ser alcançado por meio de um estudo estruturado em etapas rigorosamente planejadas. O aluno torna-se uma espécie de atleta em busca de eficiência e produtividade. O objetivo do músico instrumental passa a ser "dominar" o instrumento. Mas, na verdade, nesse processo às vezes somos dominados por ele. O que acontece é que o instrumento se torna uma espécie de fetiche. Quem não sonha com uma Selmer Mark VI...? E os guitarristas que adorariam ter uma Fender Stratocaster igual a do Hendrix...? Nessas situações, a relação com nosso instrumento pode até ficar um pouco neurótica. Então na improvisação livre você não fala sobre alguém tocar mal e não compara as performances individuais dos músicos envolvidos em termos técnicos. Outras qualidades são valorizadas: forte sensação de presença, disponibilidade para interação, escuta atenta e concentrada, permeabilidade, respeito pela contribuição musical de cada um, etc. Muitas vezes, alguém que tem uma técnica muito apurada em algum repertório e pode até ser considerado um virtuose, não se dá bem em um ambiente como esse. E outra pessoa que tem uma atitude aberta e experimental com seu

instrumento, ou que às vezes nem poderia ser considerada um instrumentista, participa muito adequadamente. Isso não quer dizer, obviamente, que músicos que se dedicam intensamente ao estudo de seu instrumento não possam participar de uma prática como essa. O guitarrista, teórico da livre improvisação Derek Bailey diz que a improvisação livre pode ser praticada por pessoas que possuem uma técnica avançada, pessoas que acabaram de iniciar seus estudos ou mesmo por crianças sem nenhuma formação musical anterior. Mas para nós que estudamos tanto a técnica, pode ser necessário relaxar, desaprender a técnica por assim dizer, e eliminar o espírito crítico e competitivo para desfrutar de uma experiência de criação coletiva em tempo real. Na improvisação livre, tudo que aparece é bem-vindo e não há espaço para competição. Na improvisação livre o instrumento é pensado como uma espécie de usina de energia projetada para produzir sons inesperados. Em algumas ocasiões o improvisador pode se tornar uma espécie de luthier transformando seu instrumento através do uso de técnicas estendidas, conectando aparelhos eletrônicos ou acústicos ou mesmo construindo novos instrumentos. Na improvisação livre aprendemos a inventar, experimentar, compor e interagir com os outros, com o ambiente, com a acústica, com a tecnologia e até com o público. É, portanto, um ambiente de aprendizagem social. Como diriam o educador brasileiro Paulo Freire e o ativista antirracista bell hooks, é a educação como prática da liberdade.